

Autor de *A Pilhagem de África*

TOM BURGIS

**LIVRO
DO ANO**

The Washington Post
The Economist

CLEPTOPIA

**COMO O DINHEIRO SUJO
ESTÁ A CONQUISTAR O MUNDO**

«Só uma leitura atenta deste livro permite perceber, com dura clareza, ao que chegou o mundo em que nos movimentamos. O livro é imprescindível.»

*Prefácio de Paulo de Moraes, autor de
O Pequeno Livro Negro da Corrupção*

M o g a i s

ÍNDICE

Prefácio	7
Uma Nota Sobre a Verdade	11
Personagens Principais	13

PARTE I: CRISE

1. O Ladrão — <i>Kensington, janeiro de 2008</i>	21
2. Um Banquete — <i>Whitehall, fevereiro de 2008</i>	27
3. Túneis — <i>Cheapside, fevereiro de 2008</i>	44
4. O Estado Dúplice — <i>Moscovo, fevereiro de 2008</i>	50
5. Silhueta — <i>Cheapside, julho de 2008</i>	64
6. O Sr. Billy — <i>Harare, setembro de 2008</i>	68
7. Encerramento — <i>Cheapside, setembro de 2008</i>	79
8. O Oligarca Caído — <i>Astana, janeiro de 2009</i>	81
9. <i>Top Secret</i> — <i>Londres, abril de 2009</i>	92
10. Pagar o que é Devido — <i>Pretória, setembro de 2009</i>	94
11. O Informador — <i>Brooklyn, outubro de 2009</i>	96
12. A Realidade — <i>Londres, maio de 2010</i>	112

PARTE II: CRISÁLIDA

13. Inícios — <i>Londres, dezembro de 2010</i>	117
14. Big Yellow — <i>Finchley, fevereiro de 2011</i>	127
15. Vigilantes — <i>Londres, março de 2011</i>	143
16. O <i>Savarona</i> — <i>Londres, maio de 2011</i>	146
17. Por Debaixo da Mesa — <i>Rudny, maio de 2011</i>	153
18. O Reino de Deus — <i>Catedral de São Paulo, outubro de 2011</i>	162
19. Medo — <i>Zhanaozen, dezembro de 2011</i>	166
20. Estabilidade — <i>Cambridge, julho de 2012</i>	180
21. Demasiado Grande para Prender — <i>Londres,</i> <i>setembro de 2012</i>	196
22. Sasha e Seva — <i>Catedral de St. James, março de 2013</i>	198
23. A Taça da Amizade — <i>Canary Wharf, fevereiro de 2013</i>	212
24. A Presunção da Regularidade — <i>Roma, maio de 2013</i>	216
25. Um Sítio de Merda — <i>Cincinnati, agosto de 2013</i>	225
26. Apetite pelo Risco — <i>Canary Wharf, agosto de 2013</i>	234
27. Duplos — <i>Old Billingsgate, fevereiro de 2014</i>	236
28. O Sistema — <i>Canary Wharf, junho de 2014</i>	241

PARTE III: METAMORFOSE

29. Conquista — <i>Ucrânia Oriental, agosto de 2014</i>	247
30. Privacidade — <i>Kensington, setembro de 2014</i>	254
31. A Ponte — <i>Moscovo, fevereiro de 2015</i>	259

32. As Suas Pegadas Não São Encontradas — <i>Colchester,</i> <i>setembro de 2015.</i>	265
33. Vencedores — <i>Manhattan, novembro de 2016</i>	271
34. Santo ou Pecador — <i>Paris, dezembro de 2016.</i>	278
35. O Futuro — <i>Colchester, dezembro de 2016</i>	299
36. O Homem sem Passado — <i>Washington, janeiro de 2017</i> . . .	302
37. Acabou — <i>Kensington, junho de 2017.</i>	316
38. A História que Escolhemos Contar — <i>Montréal,</i> <i>agosto de 2017.</i>	319
39. Factos Alternativos — <i>Londres, março de 2019</i>	327
40. <i>Quid Pro Quo</i> — <i>Washington, julho de 2019</i>	338
41. Os Negócios do Costume — <i>Pelo mundo fora, 2020</i>	356
Notas	369
Agradecimentos	461
Índice Remissivo	463

PREFÁCIO

A segunda metade do século xx trouxe-nos dois grandes movimentos libertadores: o fim do colonialismo, com o conseqüente nascimento de novos países, e o fim da ex-União Soviética, o que libertou os vários países até então sob influência e domínio do governo central, em Moscovo.

Na expectativa dos maiores sonhadores, estes movimentos globais iriam finalmente trazer autodeterminação aos povos e governos democráticos. E a consequência esperada seria um maior desenvolvimento, uma melhor qualidade de vida. A expectativa era legítima, na medida em que os novos regimes dispunham de inúmeras riquezas naturais cuja exploração seria agora, finalmente, colocada ao serviço dos povos autóctones. Riquezas naturais não faltariam, com especial enfoque nos recursos geológicos, desde o petróleo e diamantes de Angola, ao cobre, alumínio ou ferro no Cazaquistão, passando pelos diamantes na Serra Leoa ou a platina do Zimbabwe. Mas este foi um sonho de curta duração, a realidade tornou-se bem mais dura; em muitos casos, os povos viriam a sofrer maiores provações do que nos tempos do colonialismo ou do feroz domínio ditatorial soviético.

No dealbar dos novos regimes, a maioria dos dirigentes preocupou-se mais em reservar privilégios para as oligarquias que os sustentavam. As riquezas naturais — poços de petróleo, jazidas — foram entregues às elites próximas do poder. E as mais importantes concessões (nas áreas agrícolas, na energia e outras) transformaram-se também em possessões dos cleptocratas de cada país. Os povos, que deveriam usufruir dos resultados e da riqueza resultantes destas matérias-primas, foram escravizados na sua

exploração. Ficaram muitas vezes condenados a trabalhar em condições infra-humanas.

Assim nasceram os novos cleptocratas do fim do século xx e inícios do século XXI. Não nos admiremos, pois, nos dias de hoje quando encontramos na lista Forbes dos mais ricos do mundo alguns dos governantes destes novos países e regimes. A par destes, surgem os seus familiares, amigos e apaniguados. As suas fortunas têm origem nas riquezas naturais dos países que dominam e cujos povos subjagam, mas encontram-se hoje dispersas por todo o mundo numa perversa rede de enriquecimento próprio.

No livro que agora o leitor tem em mãos, Burgis explica a forma como estas novas fortunas foram engendradas, bem como os múltiplos sistemas de disseminação do capital destes novos cleptocratas pelo mundo inteiro.

Muitos destes dirigentes detêm hoje participações relevantes em corporações de dimensão global, com especial ênfase na banca internacional. Burgis esclarece como foi possível, com a conivência de consultores, banqueiros, e até políticos de nomeada, a transferência dos recursos sonogados aos seus povos para as grandes praças financeiras internacionais, de Londres a Zurique ou a Nova Iorque. Nesta obra, o autor expõe, de forma rigorosa, os múltiplos sistemas de corrupção, os diversos mecanismos de branqueamento de capitais. Neste livro se percebe que, quando se trata de ludibriar os povos — corrompendo administrações, enriquecendo desmesuradamente e branqueando os capitais assim obtidos — a realidade ultrapassa a mais requintada imaginação.

Só uma leitura atenta deste *Cleptotia* permite perceber, com dura clareza, ao que chegou o mundo em que nos movimentamos. O livro é imprescindível.

Com a sua leitura atenta, perceberemos a realidade global em que vivemos, compreenderemos que as perversões da política global permitiram chegarmos ao século XXI, congregando os maiores defeitos do colonialismo da história contemporânea com os do feudalismo medieval. Com efeito, tal como no colonialismo clássico de outrora,

as riquezas naturais dos países menos desenvolvidos são utilizadas em proveito dos mercados dos países mais ricos. E, nos dias de hoje, os países europeus nem sequer têm de nomear governadores ou vice-reis. Limitam-se a negociar com os dirigentes corruptos daqueles territórios. E, como nos tempos mais negros do feudalismo, dividem e retalham as riquezas do mundo a seu bel-prazer e em proveito próprio. As matérias-primas mais valiosas são aprisionadas por esquemas de captura e distribuição dominados pelos novos suseranos. E o proveito de todos estes negócios — que extraem minerais, mas também a riqueza nacional — é partilhado entre empresários locais, governantes corruptos de cada país, banqueiros nada escrupulosos e pela Política e Finança Mundial dominantes, de Moscovo a Washington, passando por Londres. Com estes esquemas, como aqui bem se explica, o mundo está a transformar-se num conjunto de coutadas em que os novos aristocratas são os cleptocratas — de oriente e ocidente, do sul e do norte do Globo — e seus cúmplices e serventuários.

Nesta «Cleptoopia», são poucos os resistentes, a sua força é escassa face ao poder de um sistema que se apurou na captura de recursos e riquezas aos povos.

Ao denunciar este sistema perverso (à semelhança do que havia feito ao escrever *A Pilhagem de África*), o jornalista Tom Burgis assume-se como um dos principais activistas na resistência a este modelo que depaupera países e empobrece os povos. Este é um livro apaixonante, de leitura fácil, pela forma clara como está escrito (e traduzido). Mas é também um livro difícil, porque nos desvenda a realidade cruel em que estamos imersos. E de que haveremos de nos libertar. Como? Burgis elucida-nos: «Se há um antídoto contra a cleptocracia, é a honestidade, o tipo de resistência indomável às mentiras, à ofuscação e às tretas.»

PAULO DE MORAIS*

Julho de 2021

* O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.

UMA NOTA SOBRE A VERDADE

Esta história é verdadeira. Cada facto que a compõe tem origem numa entrevista ou documento, corroborado onde possível por outras fontes. Quando uma personagem é descrita «a pensar qualquer coisa», é porque contou ao autor os seus pensamentos ou os registou na altura. Todas as personagens tiveram oportunidade de verificar os factos antes da publicação. Onde existem relatos divergentes de um acontecimento, o texto refere a versão que parece a mais provável, debatendo-se as disputas nas notas. As notas incluem uma descrição da fonte de cada peça significativa de informação no livro. Nos casos em que as fontes apenas falaram sob condição de anonimato, são descritas com o máximo de pormenor que não permita a sua identificação. Por vezes, apenas pode ser dito que a fonte de um facto específico é uma entrevista confidencial. Isto deve-se à possibilidade de a fonte em questão sofrer represálias se revelar o que ela, ou ele, sabe. Embora as fontes anónimas não sejam ideais, sobretudo num livro sobre o poder nefasto do sigilo, é importante que aqueles que outros desejariam silenciar tenham voz deste modo, sujeitos aos melhores esforços do autor para testar a sua credibilidade. A verdade tem tido uma vida difícil nos últimos anos. O esforço do autor foi, aqui, no sentido de revelar os alicerces sobre os quais esta história foi erigida, para que o leitor possa simultaneamente acreditar nela e apreciá-la.

PARTE I

CRISE

«O segredo de uma grande fortuna sem causa aparente
é um crime que foi esquecido porque foi cometido
como deve ser.»

HONORÉ DE BALZAC,
O Pai Goriot

O Ladrão

Kensington, janeiro de 2008

A coragem moral, claro, mas foi também a malícia, qualidade perceptível nas rugas ao canto dos seus olhos, que levou Nigel Wilkins a decidir roubar os segredos de um banco suíço. Foi no ano em que tudo mudou, 2008, o fim dos velhos tempos. Quarenta anos tinha ele passado a trabalhar na banca, embora nunca tivesse realmente sido banqueiro. Não do modo como os banqueiros, eles próprios, usavam a palavra, nem do modo como as outras pessoas haviam recentemente passado a usá-la. Para começar, Nigel era demasiado tímido. Podia lançar um olhar de granito através dos óculos. Contudo, por detrás residia não apenas a arrogância sufocada do homem mais esperto que alguém que o conhecesse alguma vez tinha encontrado, mas também uma insuportável falta de jeito. Um senhor do Universo que se respeitasse a si próprio não seria apanhado, nem morto, a usar uma das camisas rufadas de Nigel. Nem cederia tão corajosamente à calvície como Nigel o tinha feito, confiando os últimos dos seus (em tempos volumosos) caracóis a uma pequena caixa de cartão com a etiqueta «Cabelo do Nigel», que exibia numa prateleira no seu apartamento. Provavelmente não pensaria tanto em dinheiro como Nigel o tinha feito. Pensar nele, por oposição a limitar-se a multiplicá-lo. Quando era adolescente, Nigel tinha-se deixado encantar pelo primeiro-ministro trabalhista Harold Wilson, que aterrorizara o *establishment* com as suas longas vogais do sotaque do Yorkshire e o seu modo de explicar claramente

os significados do dinheiro: quem o tinha, como o tinha obtido e porque é que a grande maioria que não o tinha poderia ter uma pretensão decente a uma fatia maior. Nigel tinha começado por investir a sua mesada, tal como outros experimentavam com estojos de química ou os mais cruéis usavam uma lupa para incendiar uma lesma. Do que ele gostava era de ideias matemáticas que faziam sentido de maneira prática. Pensou em tornar-se engenheiro, mas o seu temperamento precisava de uma disciplina que deixasse mais espaço para a discordância e para o diálogo. Encontrou a economia: a arte de contar as histórias do dinheiro.

Nigel era mais livre do que muitos dos colegas no seu mundo, porque, embora tivesse ganhado muito e tivesse gastado pouco, o dinheiro não tinha poder sobre ele. As coisas que os outros se sentiam impelidos a comprar eram para ele estorvos: telemóveis, televisores. Preferia o seu rádio antigo e o velhíssimo fato de três peças que um amigo lhe tinha dado. Durante a guerra, o pai, Arthur Wilkins, tinha trabalhado numa fábrica que construía veículos blindados em Basingstoke, uma pequena e monótona cidade a oeste de Londres. Depois tornou-se pregador leigo metodista. Nigel Charles, o seu segundo e último filho, tinha nascido na charneira do século, a 19 de março de 1950, numa geração para quem a frugalidade, depois de ter deixado de ser a única opção, se tornara uma penitência pelos grandes sacrifícios dos outros ou uma maldição a ser afastada pelo excesso material. Para Nigel, uma grande festa seria um bilhete de primeira classe para uma longa viagem de comboio, principalmente para saborear os ovos mexidos gratuitos. Talvez um pouco de bolo em seguida, depois de ouvir uma conferência edificante. No seu apartamento — um quarto andar em Kensington, a poucos passos do palácio de Buckingham ou dos jardins reais, passos esses mais lentos quando o seu peito dava sinais de problemas —, preferia reparar a substituir. Sobre a lareira estava uma fotografia sua numa das raras férias que fazia, a bordo de um batelão. As estantes estavam cheias de economia, finanças, direito internacional. *Por Trás do Véu Empresarial,*

Ganância Infeciosa, O Que É a Sarbanes-Oxley? Se estas eram as ferramentas da sua vocação, os romances de Thomas Hardy eram o seu conforto. Pegava neles tantas vezes que já mal se conseguiam ler os títulos nas lombadas fendidas. *Jude, o Obscuro* era o seu preferido. Talvez se reconhecesse em Jude. Talvez sentisse o significado de todos aqueles livros pesados sobre o funcionamento da riqueza quando relia a passagem sobre as três crianças. Encontradas enforcadas ao lado de um bilhete que diz: «Porque somos demasiados.» Nigel também tinha um único volume de autoajuda: *Ultrapassar a Depressão*. Parecia nunca ter sido aberto.

Nigel tinha sido um rapaz sossegado. Mas com a idade adulta surgira uma desconfiança da autoridade que se podia aproximar do desprezo. Para frequentar a universidade, mudara-se para o sítio ideal para favorecer essa tendência antagonista: Manchester, cidade cujos habitantes faziam da insubordinação uma arte festiva e estavam preparados para sofrer por causa disso. Falavam do massacre de Peterloo* como se se lembrassem pessoalmente dele. Orgulhavam-se dos operários que tinham aceitado a miséria como preço por se erguerem contra os sulistas americanos proprietários de escravos que forneciam o algodão para as fiações. Tinha sido Manchester a engendrar a Revolução Industrial e tudo o que daí tinha decorrido, incluindo o Partido Trabalhista — cuja delegação de Kensington, onde o rendimento médio era o mais elevado do país, teria em Nigel um candidato incansável nas suas campanhas quixotescas para ganhar o controlo do seu conselho municipal. Os camaradas notavam nele a eficácia em picar os poderosos e chamavam-lhe Exocet — um míssil difícil de detetar até à detonação.

Nigel, na brincadeira — mas, segundo parecia àqueles que o ouviam, só em parte —, dizia que não podia dizer qual era o seu emprego, porque era segredo. Tinha estudado criminologia a par de economia, mas durante a maior parte da sua carreira não tinha

* Referência à carga de cavalaria sobre uma multidão de manifestantes pró-reforma parlamentar, ocorrida a 16 de agosto de 1819 em Manchester. Dez manifestantes morreram e várias centenas de populares ficaram feridos.

feito nada de mais secreto do que investigação económica. Os banqueiros contratavam-no para sugerir quais poderiam ser os próximos capítulos das histórias do dinheiro, e ele desenhava os cenários possíveis, projetando-se na mente da personagem arquetípica do economista clássico, racional e ordeiro. Depois aceitara um cargo na divisão de execução legal da Autoridade dos Serviços Financeiros, a entidade que supervisionava a banca britânica. Aqui, pensou a princípio, tinha finalmente encontrado o seu habitat natural. Nigel era um picuinhas, daqueles que nunca deixavam ninguém fazer as coisas da maneira mais fácil. Na ASF, desesperava com o que sentia ser relutância em perseguir o crime financeiro.

Felizmente, foi precisamente nesse momento que surgiu uma oportunidade para a sua malícia, do tipo que trazia ao de cima o sorriso liso e de lábios cerrados de Nigel. Mas Charlotte Martin sentia-se ansiosa. Conhecia Nigel melhor que ninguém. Tinham-se conhecido numa das campanhas que Nigel liderava contra aqueles que entendia abusarem do seu poder — no caso, os senhorios dos arrendatários de Londres. Para Nigel, os senhorios recorriam a direitos feudais para chantagear os inquilinos, entre os quais Charlotte. Estudou as leis de arrendamento de trás para a frente e bombardeou os barões proprietários com as suas próprias subcláusulas e letras pequenas, reunidas em carta de denúncia atrás de carta de denúncia. Charlotte era alta e delgada. Trazia na voz um toque das raízes do Essex. Tinha um sorriso que se revelava lentamente para lhe iluminar todo o rosto. Foram um par durante algum tempo, e depois disso, almas gémeas platónicas. Até para ela, Nigel era muitas vezes imperscrutável. Sentia que estava constantemente a tentar lê-lo, decifrá-lo. Mas quando ele lhe disse que tinha aceiteado um emprego para algo chamado «responsável de averiguação» no escritório londrino de um banco suíço, ela teve a certeza de que isso não ia trazer nada de bom. Avisou-o de que os banqueiros suíços iam «pôr-lhe a cabeça em água». Nigel não quis ouvir. Era a sua oportunidade para entrar no sistema: seria um vigilante disfarçado de ovelha. Os responsáveis de averiguação já

existiam há algum tempo, mas, na sequência de uma procissão de escândalos corporativos — a Enron, a WorldCom e outros —, tornaram-se omnipresentes, a consciência formal das grandes empresas. Na prática, o que os responsáveis de averiguação dos bancos costumavam fazer era tentar envolver a organização num véu de integridade sem restringir de maneira significativa o enriquecimento dos banqueiros. A abordagem de Nigel seria precisamente a oposta. «Posso forçá-los a cumprir as leis», disse a Charlotte. O seu entusiasmo não fez nada para a deixar mais à vontade. Ela voltou a dizer-lhe: não vás para o BSI. Mas ele foi. E, durante algum tempo, nenhum mal veio daí ao mundo.

Isso tinha sido dois anos antes, antes de tudo mudar. Mas Nigel conseguia ver o que estava agora a caminho. As finanças — ganhar dinheiro com o dinheiro — soçobravam, pelo menos de momento. Ao 22.º dia de 2008, a Reserva Federal dos EUA fez cortes de emergência nas taxas de juro. Por todas as superfícies do apartamento de Nigel havia recortes das secções de economia ou longas propostas para constranger os financeiros. Tinha colocado um dos cadeirões, que chiavam, de costas para a janela grande, para que a luz clara de antes do anoitecer lhe surgisse pelas costas ao sentar-se. Abria uma única garrafa de cerveja — habitualmente *Old Speckled Hen* — e começava a sessão de leitura da noite. Naturalmente, compreendia os títulos garantidos por hipoteca e os *credit default swaps* (CDS). Compreendeu que os muitos iam ser sacrificados pelos poucos. Sabia que, depois do pânico, teria início a investigação do passado, para compreender uma história que pudesse ser traçada a partir dos escombros do dinheiro. Muitas pessoas, e até algumas tão espertas como Nigel, já o tinham percebido. Mas o que Nigel começou a entender, à medida que 2008 ganhava embalo, era que toda a gente se ia pôr a escavar à procura do passado no sítio errado.

O pai de Nigel costumava dizer que todos aqueles que tinham praticado o mal teriam a sua justa recompensa. O filho achava que era um princípio que teria de ser posto em prática. Num velho

caderno maltratado, com um computador portátil da década de 1970 na capa, registou as suspeitas que tinha formado ao arrastar-se diariamente até aos escritórios do BSI na City de Londres. Tinha, escreveu, tropeçado na maior fraude do mundo. E havia outra coisa, algo de mais profundo — que Nigel sentia levemente, com um arrepio —, ligada de algum modo ao que estava a acontecer ao dinheiro: ao longe, os gritos dos torturados, o silêncio dos mortos.

Um Banquete

Whitehall, fevereiro de 2008

Em fevereiro de 2008, enquanto ainda era relativamente possível fingir que a crise não estava a acontecer, um bilionário alto e enxuto com um rosto esguio e entradas no cabelo dirigiu-se para a Banqueting House em Whitehall. Ali à esquina, na Downing Street, o ministro das Finanças estava a nacionalizar um banco arruinado, o Northern Rock. Aqui, como no resto do Ocidente, tinha tido início o salvamento do sistema financeiro, uma transferência de riqueza pública para bolsos privados a uma escala idêntica à que tinha feito a fortuna deste, e de muitos outros bilionários, na década anterior. A crise estava por todo o lado, mas a câmara de rara beleza na qual o oligarca entrava agora era um sítio à parte. Ficava a meia hora a pé da City ao longo de uma curva do Tamisa, como sempre ficara desde que o rei Jaime I encomendara ao seu arquiteto, Inigo Jones, um local para dar largas à sua paixão pela máscara, as representações luxuosas durante as quais os membros da família real podiam movimentar-se disfarçados por entre os seus súbditos. O herdeiro de Jaime, Carlos I, encomendou a Rubens nove painéis em homenagem ao direito divino de os reis governarem com poder absoluto. Em janeiro de 1649, essas imagens foram das últimas coisas que Carlos viu ao ser levado através da sala de banquetes, com duas camisas vestidas para não tremer ao frio do inverno, até ao cadafalso erigido à porta do edifício, condenado pelo Parlamento como traidor. Agora, os querubins e os leões, o triunfo envolvente

das Virtudes sobre os Vícios, da Sabedoria sobre a Ignorância, contemplavam mesas postas para sete pratos e um quarteto de cordas cazaque a tocar contrapontos e harmonias.

O nome do oligarca era Alexander Machkevitch. Os seus muitos, muitos amigos chamavam-lhe Sasha. Apesar de toda a sua fortuna, Sasha continuava a ter algo do académico que tinha sido, embora com um guarda-roupa espalhafatosamente caro. Talvez fossem os óculos, ou a palha precisa do seu bigode. Quando falava inglês, era com um sotaque que um ocidental pouco atento entenderia como o arquetípico Pesado Sotaque Russo. Sasha tinha de facto nacionalidade russa, e tinha passado algumas temporadas da tumultuosa década de 1990 em Moscovo, mas era na verdade quirguiz. A mãe tinha sido uma promotora pública distinta nos tempos em que o Quirguistão era uma província nas franjas asiáticas do Império Soviético. O jovem Sasha tinha sido esperto. Revelou-se um mestre das línguas e garantiu uma posição na universidade, em Bishkek, a ensinar filologia. À sua frente estendia-se uma vida de aulas obscuras. Foi então que surgiu o capitalismo. Subitamente, havia uma nova coisa que se podia ser: homem de negócios. Mas não um homem de negócios qualquer: Sasha queria ser um empresário *superstar*. Comparava-se ao autor que tentava escrever um bestseller. Queria dinheiro porque sentia o poder que isso lhe traria.

Tinham passado três anos desde que o nome de Sasha tinha aparecido pela primeira vez na lista da revista *Forbes*. Ao lado, o seu «património líquido», como lhe chamavam: mil milhões de dólares. Ao lado de Bill Gross, Martha Stewart, Michael Milken, Wilbur Ross e 66 outros, era *ex aequo* a 620.^a pessoa mais rica do mundo. Era, certamente, um triunfo. E, agora, um triunfo ainda maior: aqui estava ele entre os reis do dinheiro, em pessoa, dando as boas-vindas à Banqueting House luminária atrás de luminária. Ivan Glasenberg estava presente. Dirigia a Glencore, firma de comércio de mercadorias sediada na Suíça, e exercia provavelmente mais influência sobre todo o fluxo das matérias-primas da economia

global do que qualquer homem vivo. Beny Steinmetz, um barão dos diamantes de Israel, também aparecera. Sasha gostava de pedras preciosas; calçava sapatos incrustados com elas.

Mas Sasha, como os monarcas em cujas cadeiras agora se sentava, sabia, como eles tinham aprendido, que nem o poder aparentemente sem limites é absoluto. Ele e os seus dois sócios, ambos colegas bilionários da Ásia Central, eram conhecidos coletivamente na City como «o Trio». Retiravam as suas fortunas das rochas assombrosas do subsolo de uma vastidão de estepes e montanhas dez vezes maior que o Reino Unido. O Cazaquistão era uma terra de nómadas e cavaleiros (e, para intenso vexame dos seus orgulhosos governantes, de Borat). Nem Sasha Machkevitch nem os sócios lá tinham nascido, mas dizia-se que controlavam até 40 por cento da economia. Que prémio tinha passado do Estado soviético para aqueles, como Sasha, que tinham tido a habilidade para aprender a linguagem do capitalismo em poucos anos! Havia urânio, mais urânio do que em qualquer outro local da Terra, com exceção da Austrália, onde os *stocks* há muito tinham sido repartidos. Para oeste, sob o Cáspio, havia petróleo, cavernas imensuráveis de petróleo. Enquanto a Humanidade quisesse eletricidade, viesse ela da cisão do átomo ou da queima de hidrocarbonetos, o Cazaquistão teria compradores. O mesmo se aplicava ao cobre, para produzir os fios que transportavam a corrente que mantinha acesas as luzes da civilização. O maior comprador, nestes dias, morava mesmo ao lado: a China. E ainda havia o crómio, o ferro, a bauxite, o zinco. A China também precisava desses, tal como todos os que precisassem de construir qualquer coisa que voasse ou brilhasse ou durasse.

As bênçãos eram abundantes. Abundantes, e um único homem as podia conceder.

Nursultan Nazarbayev tinha sido o último chefe do Partido Comunista do Cazaquistão soviético, e depois, sem interrupção do reinado, o primeiro líder capitalista do Cazaquistão independente. Tudo o que exigia era lealdade. Isso e uma percentagem dos despojos proporcional à sua posição como pai da nação. Conquistar

e manter as boas graças de Nazarbayev era um empreendimento delicado. O anterior marido da sua filha, um ex-oficial de informações gorducho e peculiar chamado Rakhmat Aliyev, mas conhecido por Sugar, tinha acabado de fugir para a Europa. Um dos documentos secretos que Sugar alegava ter surripiado antes de partir era um retrato psicológico do presidente preparado pelo KGB, o sucessor cazaque do KGB soviético. «Tem tendência a classificar as pessoas de acordo com grupos, “o seu” grupo e “os outros”. Aqueles que concordarem com ele e aceitarem as suas opiniões e cumprirem as regras estão no “seu” grupo. Todos aqueles que não aceitarem a sua opinião são os “outros”, e por isso inimigos [...] Se o inimigo não se rende, tem de ser destruído.»

Um dos parceiros de Sasha tinha testemunhado uma demonstração da psique de Nazarbayev. Patokh Chodiev, um uzbeque de sangue azul e produto da prestigiada escola de relações internacionais de Moscovo frequentada pelos filhos da elite comunista, tinha sido um diplomata soviético antes de se virar para os negócios. Conheceu Nazarbayev e tornou-se tão próximo dele que foi convidado a acompanhar a primeira família numas férias na Riviera Francesa em 1995. O anfitrião era Behgjet Pacolli, um empresário kosovar que procurava contratos no Cazaquistão. Um dia, este organizou um encontro num restaurante próximo do Mónaco. Quando chegaram ao Le Pirate, o grupo observou o estabelecimento com alarme crescente. Bancos de madeira, vigas negras de fuligem, por efeito da lareira, nada de cristal: não era assim que um *khan* dos nossos dias estava acostumado a jantar. Chodiev sentou-se quase à margem do grupo, perto da porta. Empregados vestidos à pirata colocaram pratos que recordaram a um dos comensais a louça de barro das prisões. «Aonde raios nos trouxe?», rosnou o presidente a Pacolli. Pacolli empalideceu. Nazarbayev pegou num prato e atirou-o ao chão, partindo-o. Um silêncio horrível. Nazarbayev pegou noutro prato e atirou-o. «Não é a isto que chamo férias, raios!», gritou. A mulher, Sara, estava à beira das lágrimas. «Nursultan, Nursultan, acalma-te», rogou-lhe. «Se não gostas disto,

vamos a outro sítio. Para com isso, por favor, e acalma-te.» Nazarbayev recusou acalmar-se. Atirou uma cadeira de madeira para a lareira. Por esta altura, o proprietário — vestido como o capitão de uma tripulação de piratas — começou também a perder a compostura. Também ele pegou numa cadeira e atirou-a para a fogueira. Nazarbayev atirou outra, e os dois continuaram a imolar os assentos até que, subitamente, as suas expressões mudaram. Começaram a rir-se. Depois Pacolli começou a rir-se. Os três homens riram-se juntos. Deliciados, revelaram ao seu perplexo auditório que tudo não tinha passado de uma brincadeira. A especialidade do restaurante era organizar este tipo de espetáculos violentos para diversão daqueles que estavam ao corrente da piada. Todas as piadas do *khan* eram divertidas, pelo que o resto do grupo se lhe juntou imediatamente e desfez em cacos o resto da louça de barro.

Chodiev, Sasha e os outros oligarcas do Cazaquistão compreenderam que o presidente dava e o presidente tirava. Um de entre eles, Mukhtar Ablyazov, tinha tido a temeridade de exigir reformas democráticas. Os seus negócios tinham-lhe sido arrestados e ele foi mandado para um campo prisional. Sugar tinha dado a Nazarbayev três netos, descendentes com os quais se podia construir uma dinastia. Mas nem isso o conseguiu salvar quando desafiou o patrão. Um ex-ministro que se juntou à oposição foi encontrado morto. Segundo o relato oficial, cometeu suicídio disparando três vezes sobre si próprio.

Para um oligarca em busca de segurança, havia uma opção tão ousada que se poderia julgar difícil. Primeiro, tornar-se numa sociedade anónima: uma das mais poderosas ficções em que os ocidentais escolheram acreditar, dotada de privilégios e proteções, mas felizmente fácil de criar. Em segundo lugar, acrescentar a essa sociedade anónima os ativos que Nazarbayev lhe tinha permitido adquirir — minas, bancos, o que quer que fosse. Depois, vender uma fração da sociedade a dinheiro ocidental. Era precisamente a conclusão bem-sucedida deste lance que Sasha, os seus sócios e as suas centenas de convidados muito importantes agora celebravam

na Banqueting House. Sasha e os colegas fundadores da Sociedade de Recursos Naturais Eurasiáticos tinham vendido uma porção apreciável das suas ações ao público, que podia agora negociá-las na Bolsa de Valores de Londres. Tanto para o filólogo quirguiz, o diplomata uzbeque ou Alijan Ibragimov, o sagaz negociante uigur que era o terceiro membro do Trio, aqui estava um sonho tornado realidade. Melhor ainda: as ações estavam tão bem cotadas que a ENRC estava a caminho de ser incluída no índice FTSE 100 das empresas britânicas mais valiosas. Os gestores financeiros de fundações e fundos de pensões iriam agora, naturalmente, investir nesta formidável sociedade, ligando as suas fortunas à de Sasha.

Mas não deve ter sido barato. Casar com a City exigia muitos ajudantes. Deutsche Bank, Credit Suisse, Rothschild, Morgan Stanley e ABN Amro: os banqueiros cobraram 118 milhões de dólares. Além disso, havia os advogados da Jones Day e da Cleary Gottlieb. Mais 30 milhões de dólares para a PwC, os auditores (ou «empresas de serviços profissionais», como se apresentava, por esses dias). Todas as personagens que acordaram em fazer parte do Conselho de Administração também iriam custar centenas de milhares, ano após ano. Mas eram nomes necessários. «Eminências da City» era a abreviatura que lhes dava a imprensa económica. Ajudavam a deixar toda a gente à vontade. Havia dois cavaleiros da Ordem do Império Britânico: Sir Paul Judge tinha sido diretor-geral do Partido Conservador, Sir Richard Sykes, presidente do Conselho de Administração da GlaxoSmithKline e reitor do Imperial College. Ken Olisa tinha tido um cargo de topo na IBM. Roderick Thomson era um «investidor de risco», epíteto particularmente privilegiado. Gerhard Ammann tinha sido executivo principal da filial suíça da Deloitte, a qual, como a PwC, era uma das Quatro Grandes casas de auditoria que rodavam entre todas as empresas do FTSE 100 e os departamentos governamentais ao lado da Banqueting House.

No entanto, todos eles tinham justificado o investimento. O vital era que Sasha e os parceiros moldassem a história que se contava a seu respeito. «O passado faz-nos uma emboscada no

presente», dizia um ditado que os cazaques gostavam de citar. Tinha havido um momento desconfortável antes da cotação em bolsa, quando os reguladores da Bolsa de Valores de Londres descobriram os problemas do Trio na Bélgica. Anos antes da sua queda, numa altura em que ainda venerava o sogro, Sugar, um desastrado intriguista, tinha andado à procura de um modo de enfraquecer a posição do Trio na corte de Nazarbayev e, de caminho, melhorar a sua própria posição. Tentou-o alegando às autoridades belgas que o Trio, entre outros inimigos, estava a usar subornos extorquidos a investidores ocidentais no Cazaquistão para comprar esplêndidas propriedades no Ocidente, especificamente em Bruxelas. Os investigadores europeus seguiram a pista de Sugar e foram mais longe do que ele teria desejado: descobriram as contas bancárias secretas do próprio Nazarbayev. Os belgas abriram um processo contra o Trio, por suspeitas de branqueamento de dinheiro: o crime de fazer os proventos do crime parecer dinheiro quotidiano. Arrastou-se por tanto tempo que ainda estava em curso enquanto se aproximava a cotação da ENRC em Londres. Mas se o Trio receava ser considerado indesejável em resultado do caso, tinha na verdade subestimado a fome da City pelo seu dinheiro. Chegou-se a um acordo de cavalheiros. As ações da ENRC começariam a ser negociadas conforme planeado, mas o Trio em si abster-se-ia de fazer parte do Conselho de Administração, muito embora ainda detivesse quase metade das ações. E as autoridades levaram ainda mais longe as suas boas-vindas. Um banqueiro do Credit Suisse, James Leigh-Pemberton, convenceu o regulador a contornar as regras e permitir ao Trio, ao Estado cazaque e a um outro oligarca, que entre si detinham a ENRC, a colocar no mercado apenas 18% das ações da empresa, sacrificando uma porção mínima de controlo para obter a santidade de uma cotação em Londres.

E foi mesmo a tempo. Na City, os mais perspicazes viram que a sua longa e cada vez mais perfeita temporada de liberdade, iniciada com o *big-bang* de Margaret Thatcher e prolongada, para sua agradável surpresa, sob o Novo Trabalhismo de Tony Blair,

iria enfrentar uma interrupção prolongada quando as massas entendessem que lhes caberia pagar a conta da crise incipiente. Os novos homens do dinheiro da ex-União Soviética partilhavam com os libertários da City a aversão pelo Estado. Juntos, tinham feito negócios esplêndidos, os triunfos industriais do proletariado dispostos em luxuosos prospetos de mercados bolsistas. Na Bolsa em si havia belos bónus para quem trouxesse cotações. Um executivo da Bolsa concluiu: «Porque é que a ENRC, ou outra empresa qualquer, não havia de vir para Londres? Nós convidámo-los. Não precisaram de bater muito à porta.» As atividades privadas dos banqueiros e advogados londrinos estavam à altura das dos oligarcas e dos seus séquitos. «As melhores das melhores prostitutas. Todas as drogas que quiser. Diferentes grupos de raparigas. Dinheiro sem limites. Sem limites.»

Ninguém seria capaz de apontar a hora ou o dia em que aconteceu, mas esse tempo tinha acabado, e um novo tempo tinha começado. A razão óbvia era a crise: toda a gente falava dela a toda a hora, era impossível fugir-lhe. Mas havia mudanças mais profundas a acontecer muito mais abaixo, no aquífero negro do dinheiro secreto. Aqui e ali, esses deslocamentos ondulavam até à superfície, causando perturbações cujo significado era difícil de discernir. Quando a polícia de Moscovo deteve um ucraniano corpulento de 61 anos chamado Sergei Schneider na noite de 23 de janeiro de 2008, por suspeitas de evasão fiscal, houve quem achasse que era um recado, outros acharam que era um deslize monumental. Um porta-voz do Ministério do Interior russo alegou que foi apenas depois de cinquenta e tal polícias encapuzados terem prendido o tipo corpulento durante uma rusga ao seu parceiro de negócios que compreenderam que Sergei Schneider era apenas um dos seus muitos pseudónimos. O homem que tinha detido era Semyon Mogilevich, possivelmente o mais poderoso dos criminosos a operar na economia globalizada. Todos os mafiosos sabiam ganhar dinheiro; teria de se ser um péssimo infrator para não enriquecer numa década sem lei como a de 1990. Todos podiam falsificar,

extorquir, traficar. O talento único de Mogilevich era o de movimentar furtivamente esse dinheiro por todo o mundo, incógnito, transformando-o enquanto ele viajava de maneira que fizesse desaparecer as nódoas das suas origens. Na antiga União Soviética, esta era uma competência prezada acima de todas as outras: a capacidade de tornar o lucro sujo, extraído das ruínas de um império em escombros, em moeda corrente válida no mundo capitalista, moeda corrente que podia comprar tudo o que aí se vendesse: património, segurança, legitimidade. Mogilevich tinha estudado economia, tanto na universidade, na Ucrânia, como na prática, em Moscovo, durante a transição que teve início em finais da década de 1980. Brainy Don era o que lhe chamavam, banqueiro do submundo. Apesar de os americanos lhe terem apontado quarenta acusações de extorsão, fraude e branqueamento de dinheiro cometidas aleadamente em dúzias de países — e acusando-o ainda de ter ordenado assassinatos —, ele vivia muito confortavelmente em Moscovo antes de ser preso. Depressa começaram a circular histórias nas quais se dizia que o comandante da polícia que o prendeu teria recebido uma repreensão severa. A detenção de Mogilevich tinha posto o regime de Vladimir Putin numa posição desconfortável. Não podiam simplesmente libertá-lo: estava na lista dos mais procurados do FBI. Mas a vontade de pôr Brainy Don atrás das grades era quase nenhuma. Em nome das aparências, teve de ser descrito em público como um inimigo do Estado. Na verdade, era um aliado do tipo de Estado que Putin estava a construir, um Estado gangster. Mesmo assim, talvez a sua prisão não tivesse sido inteiramente um acaso, ou, se o tinha sido, seria pelo menos um que a nova ordem poderia explorar em seu proveito. A crise em que as democracias se estavam a afundar oferecia uma oportunidade aos cleptocratas — os que governavam pelo roubo. Talvez Putin tivesse escolhido o momento para demonstrar ao senhor do dinheiro sujo que a década de 1990, esse bacanal de saque, tinha acabado, que o roubo tinha agora um propósito maior, uma hierarquia à qual até Brainy Don se veria obrigado a submeter-se. Nisso não

estava sozinho. As untuosas boas-vindas da City de Londres aos ex-soviéticos ricos já não estavam a ser correspondidas.

No mesmo mês em que o Trio deu o seu banquete em Whitehall — fevereiro de 2008 —, um americano e um inglês encontraram-se, já a noite ia longa, no hotel Hyatt, perto de Marble Arch. O inglês, um varapau cerebral chamado John Lough, trabalhava para a TNK-BP, uma turbulenta associação entre a companhia petrolífera britânica BP e alguns oligarcas russos. Era um emprego fascinante para alguém fluente em russo, que tinha passado anos a estudar a União Soviética e o que veio depois, primeiro para um *think tank* militar britânico e, depois, dirigindo os escritórios da NATO em Moscovo. Os geólogos da BP tinham mapeado as reservas de petróleo e gás da Rússia: poucas havia com maior dimensão, e ainda menos existiam que as companhias ocidentais estivessem autorizadas a comprar. Lough e os seus colegas tentaram navegar por entre a política. Os superiores reconheciam-lhes o trabalho. Não obstante, tinha a certeza de que estava à beira de ser despedido. O sentimento aprofundou-se quando o americano chegou, com um ar agitado.

Normalmente, Shawn McCormick era o retrato da própria confiança. Com pouco mais de 40 anos, vestia fatos de boa qualidade e dava apertos de mão esmagadores que Lough sempre pensou serem uma afirmação de autoridade. Ao contrário de Lough, McCormick não tinha aprendido russo. Era, contudo, fluente naquilo a que Lough chamava «jargão empresarial americano», viajando ocasionalmente de Moscovo para os EUA para adquirir o mais recente «zingarelho de gestão». O ar de empresário era uma evolução recente. McCormick tinha começado por trabalhar num *think tank* de espionagem em Washington, e depois fez parte do Conselho Nacional de Segurança de Bill Clinton, com uma credencial *top secret*. Em 2003, tinha entrado para a TNK-BP para montar uma equipa de relações governamentais. Conhecia Lough de projetos da BP em que ambos tinham trabalhado em Londres, e convidou-o, num almoço, a juntar-se à equipa. Com uma única

condição: para manter o pessoal em número reduzido, Lough trabalharia como consultor. Para ele, era perfeito: os filhos frequentavam a escola no Reino Unido. Podia manter a família em casa e dar um salto a Moscovo uma ou duas semanas por mês.

No seu novo cargo, Lough conheceu Bob Dudley, industrial do petróleo de carreira oriundo do Mississípi que os chefes da BP tinham enviado para Moscovo para dirigir a TNK-BP. Lough preparava os briefings de informação de Dudley e escrevia-lhe os discursos, apanhando tão bem as suas cadências que Dudley achava que lê-los era como falar com a sua própria voz. Lough dava-se melhor com Dudley do que com McCormick, embora não tivesse nada contra este, achando-o inteligente e perfeitamente profissional. Até que, no verão de 2007, quando Lough estava numa das suas visitas aos vastos escritórios em open space da TNK-BP em Moscovo, McCormick o puxou para um canto, ao pé da máquina de café, onde não poderiam ser ouvidos. «Tens consciência», disse, «que estás a ser vigiado pelo FSB.»

Lough não se mostrou surpreendido por o seu trabalho poder atrair a atenção do FSB. A agência tinha mantido muita da personalidade do seu antecedente soviético, o KGB. Putin, veterano do KGB, tinha tornado a agência numa roda dentada central na sua engrenagem de poder. Tinha passado menos de um ano desde que agentes russos tinham envenenado o seu ex-confrade Alexander Litvinenko em Londres. As relações anglo-russas estavam terríveis. Lough sabia que tinha estado a ser vigiado quando trabalhava em Moscovo para a NATO. Agora que estava a trabalhar para a TNK-BP, tinha tido o cuidado de manter ao mínimo as suas ligações com a embaixada britânica. Manteve-se em contacto com alguns velhos conhecidos — o adido de defesa austríaco, por exemplo — com quem podia discutir a política russa. Mas compreendia que qualquer tipo de relação com a espionagem britânica lhe podia atrapalhar o trabalho profissional, ainda que, fosse como fosse, ela nunca o tenha abordado. Mesmo assim, Lough sabia que estava a trabalhar em questões próximas do centro do regime de Putin.

A TNK-BP detinha os direitos de algumas das mais ricas reservas de gás do mundo, mas só o podia extrair com a bênção da Gazprom, a empresa estatal para a qual Putin nomeara como diretor um velho aliado. Lough tinha sido destacado para uma equipa que tentava perceber como se tomavam as decisões na Gazprom.

Poucas semanas após o aviso de McCormick, Lough estava de regresso a Londres. Não gostava de ir de carro para o aeroporto — o trânsito de Moscovo podia ser tão difícil de prever como o Kremlin —, pelo que apanhou o comboio. Costumava ser uma oportunidade para uma soneca agradável antes do embarque no avião. Desta vez, um passageiro sentou-se à sua frente e começou a conversar. O homem tinha os seus 40 anos, corpulento, t-shirt e uma mala comprida. Invulgar, pensou Lough. Ele era um inglês desengonçado com o porte de um académico de Oxford, tão obviamente estrangeiro que os transeuntes moscovitas nunca tentavam meter conversa. O homem perguntou a Lough sobre a sua família, o seu emprego, a sua vida no Reino Unido. A dada altura, perguntou: «Tem medo de andar de avião?» Quando o comboio entrou na estação, o homem pegou na mala comprida. Estava obviamente vazia. O homem apressou-se a entrar no terminal. Lough fez o check-in e dirigiu-se para a segurança. Ao aproximar-se, um funcionário fez-lhe sinal para ir ter com um grupo de agentes da alfândega. Viram-lhe os documentos e revistaram a mala de mão. Um deles perguntou se transportava alguma coisa que não devia. Respondeu que não. Surgiu a mala que tinha despachado para o porão. Também a revistaram. Apresentaram-lhe formulários para assinar, consentindo uma revista da sua pessoa, sendo em seguida levado para uma sala vazia, com exceção de um banco e de um lavatório. Lough preparou-se, pensando que iria ser confrontado com um pacote de um ou outro narcótico que tivesse sido inserido na sua bagagem. Os agentes inspecionaram-lhe as roupas com todo o cuidado e olharam atentamente para os sapatos. Ao fim de pouco tempo, disseram-lhe que podia seguir viagem. Enquanto reunia os seus pertences, um dos agentes fez conversa de

circunstância com ele. Por fim, disse: «Última pergunta, senhor Lough. Tem medo de andar de avião?»

Lough percebeu que tinha sido avisado. Assumiu que a mensagem era: «Estás na nossa mira, tens de ter cuidado quando vieres à Rússia.» Relatou o incidente aos chefes. Um colega com contactos no FSB perguntou-lhes o que tinha acontecido; disseram-lhe que, embora Lough pudesse estar sob vigilância, não deveria acontecer nada de sinistro. Foi o *deveria* que ficou na cabeça de Lough. Ainda assim, voltou a Moscovo por alguns dias em janeiro de 2008. Ao partir, foi mais uma vez chamado à parte na alfândega e revistado. Dessa vez, telefonou a Bob Dudley, o patrão da TNK-BP, assim que passou o controlo de passaportes. Queria fazer passar uma mensagem aos agentes secretos russos que estariam sem dúvida a ouvir o telefone de Dudley: «Trato diretamente com o CEO, não se ponham com brincadeiras.» Assim que saiu da Rússia, disse a McCormick: «Até chegarmos ao fundo disto, não é seguro para mim regressar.»

Foi por essa altura que algo mudou no comportamento de McCormick. Quando se encontraram em Bruxelas pouco depois, Lough achou-o impaciente, discordante, nervoso. Disse a Lough que se voltariam a ver dali a pouco. Duas semanas mais tarde, sentaram-se no Hyatt em Londres. Falando de modo desconcertantemente amigável, McCormick disse a Lough que, como o inglês já não podia ir à Rússia, o trabalho de Lough era agora desnecessário. Receberia três meses de salário, mas McCormick queria que deixasse de trabalhar de imediato e abandonasse todos os compromissos. Bob Dudley tinha aprovado a sua dispensa, disse McCormick, sem referir que tinha levado Dudley a acreditar que Lough se queria ir embora. Lough ficou atordoado. À despedida, estendeu a mão, num reflexo inglês. Mas, para seu horror — não era, como disse, «o tipo de pessoa que gosta de dar abraços» —, deu por si envolvido no abraço de McCormick.

Passou um mês. Lough foi ficando cada vez mais convencido de que algo de estranho se estava a passar. E então, em Moscovo,

dúzias de agentes armados do FSB tomaram de assalto os escritórios da TNK-BP, a poucos quarteirões da Praça Vermelha, onde abriram os cofres com brocas. Dias antes, o FSB tinha detido Ilya Zaslavskiy, um russo-americano educado em Oxford que tinha, a par do irmão, trabalhado com Lough nas investigações sobre a Gazprom. Acusação: espionagem. Zaslavskiy depressa percebeu o que estava em marcha: um plano para o fazer passar por uma «toupeira» que passava segredos de Estado ao contacto, o vil espião britânico John Lough. Uma tal narrativa faria avançar os esforços dos oligarcas russos para extorquir aos sócios britânicos mais controlo sobre a TNK-BP. Também ajudaria o regime de Putin a contra-atacar, depois de os britânicos terem acusado os seus agentes de cometer um assassinato em solo do Reino Unido. Da segurança do Parlamento russo, onde era então deputado, Andrey Lugovoy, o próspero ex-agente do FSB que tinha deixado um rasto de polónio por Londres antes de aparentemente ter colocado algum no chá de Alexander Litvinenko, declarou o seu apoio à investigação de espionagem. Não importava que o principal documento que Zaslavskiy era acusado de roubar — o anódino plano estratégico da Gazprom — tivesse de facto sido formalmente enviado à TNK-BP pelas autoridades russas. Não, esse documento foi declarado um segredo de valor impossível de estimar, cuja queda em mãos ocidentais, segundo noticiou um jornal pró-Kremlin, teria custado à Rússia biliões de dólares.

Duas semanas depois da prisão de Zaslavskiy, agentes do FSB entrevistaram Shawn McCormick. O local, a prisão de Lefortovo, pulsava de terror desde o tempo das purgas estalinistas. Dissidentes e traidores à mãe-pátria, de Aleksandr Soljenítsin a Litvinenko, tinham aí sido encarcerados. McCormick tinha dito aos diplomatas americanos em Moscovo que se sentia confortável com o pedido de entrevista do FSB, dizendo que lhe tinham sido dadas garantias de que não era visto como suspeito na investigação de espionagem, mas apenas como testemunha. Outra pessoa poderia ter-se mostrado mais preocupada: um importante jornal russo tinha

noticiado: «[A par de Zaslavskiy,] o FSB suspeita de Shawn McCormick, chefe do Departamento de Relações Internacionais da TNK-BP, que poderá ser deportado da Rússia.» E o FSB tinha dito à imprensa que a sua equipa tinha encontrado cartões de visita de agentes da CIA durante a rusga aos escritórios da TNK-BP. Não revelou onde tinham sido encontrados. Mas quem, nos escritórios, tinha um passado nos serviços secretos não era Lough nem Zaslavskiy — era McCormick. Quando estivera na Casa Branca, McCormick tinha tido autorizações ultrassecretas para ler os relatórios compilados pelos espões americanos. Agora, sentava-se perante os seus homólogos russos. Ao longo de 17 horas, fez um relato cujas distorções, embora subtis, encaixavam na perfeição na narrativa do FSB.

«Gostaria de apontar um estatuto invulgar de John Lough», disse McCormick. Com isto estava a referir-se à posição de Lough como empreiteiro contratado, em vez de fazer parte dos quadros — um entendimento banal subitamente tornado suspeito. McCormick fez questão de apontar que Lough tinha trabalhado para a NATO. Lough conhecia alguns intelectuais do Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico, nenhum dos quais decisor, mas na narrativa de McCormick isto passou a ser «laços profundos com o governo do Reino Unido». McCormick parecia permanentemente determinado a distorcer os factos para os fazer encaixar no guião do FSB, sobretudo no tocante à relação de Lough com o vilão da história, o russo-americano Ilya Zaslavskiy.

Nas ocasiões em que Zaslavskiy e Lough tinham falado um com o outro no trabalho, tinham usado o modo mais formal da língua russa. Nunca socializavam. Contudo, McCormick — que não falava russo — disse que os dois conversavam informalmente e tinham «uma relação que era mais do que apenas negócios». Disse aos interrogadores: «Pode dizer-se que eram amigos.» McCormick disse que Lough tinha pedido à TNK-BP que contratasse Zaslavskiy como consultor. Lough não o poderia ter feito, mesmo que quisesse: a sua posição na hierarquia não era suficientemente

elevada. Lough e Zaslavskiy tinham trabalhado juntos na equipa de pesquisa da Gazprom, na qual ambos reportavam a um escocês encarregado do projeto. Mais uma vez, a versão de McCormick não coincidia com a realidade: disse ao FSB que Zaslavskiy reportava a Lough. Disse que Lough «supervisionava» Zaslavskiy. Os interrogadores registaram-no usando a mesma palavra russa que se usava para o contacto de um espião.

Os interrogadores do FSB passaram à máquina um resumo do depoimento de McCormick. McCormick assinou-o. Acrescentaram-no ao dossiê, juntamente com um testemunho igualmente prestável que tinham recebido na véspera de outra testemunha. Sergei Novosyolov tinha sido investigador superior para o crime organizado do Ministério do Interior russo, antes de se tornar diretor de segurança económica do TNK-BP. Na sua entrevista, alegara que McCormick o tinha informado de que John Lough tinha sido contratado por recomendação de Bob Dudley, uma falsidade que podia implicar o homem forte da BP na Rússia na narrativa de espionagem. Novosyolov explicou corretamente alguns aspetos insignificantes do trabalho de Lough e Zaslavskiy, mas também deu aos investigadores do FSB vários pormenores falsos que os poderiam ajudar a construir uma rede de espionagem. O seu caso estava a tomar forma à imagem das melhores «medidas ativas» do KGB aplicadas durante a Guerra Fria: pegar num par de fios de verdade, coser-lhes as ficções necessárias e tecer tudo de forma que se chegasse à mentira pretendida.

Ilya Zaslavskiy e o irmão enfrentavam entre 5 e 20 anos de prisão. Como mantiveram o sangue-frio e recusaram confessar, o melhor que um tribunal ilegal podia arranjar era uma condenação por tentativa falhada de espionagem industrial. Receberam uma pena suspensa de um ano e dois anos de liberdade condicional, seguida de uma vida de exílio autoimposto. John Lough foi banido da Rússia. Bob Dudley começou a sentir-se mal. Fez uma análise ao sangue; alguns dos que o rodeavam sussurraram que teria sido encontrado veneno no seu sangue. Recuperou, segundo

se disse, depois de começar a evitar a comida que lhe era dada pela TNK-BP. Ao saber que as autoridades estavam a caminho para o prender, fugiu do país. Centenas de outros funcionários da BP foram forçados a partir.

Shawn McCormick saiu da BP pouco tempo depois. Tinha demonstrado o seu talento para ajudar a criar uma realidade alternativa que podia ser usada como arma. Era um talento que viria a provar a sua utilidade aos patrões que se seguiram — o Trio.

Manter essa realidade alternativa era mais valioso do que qualquer campo petrolífero ou veio de metal precioso. Mas, uma vez por outra, na privacidade de — digamos — um palácio real de máscaras que se tinha alugado para a noite, era possível dar-se ao luxo de contemplar, deliciado, por um momento, a realidade original, o modo como as coisas realmente eram. Na Banqueting House, Ivan Glasenberg, da Glencore, o rei das mercadorias em pessoa, levantou-se para pronunciar algumas palavras no seu sotaque de Joanesburgo. Os presentes deviam estar agradecidos ao seu país natal, disse. O governo sul-africano debatia-se com cortes de energia. Estavam a tornar a vida dos sul-africanos ainda mais miserável do que era costume. Estava também a truncar a mineração, o que tinha levado à subida dos preços dos metais contidos nessas minas. Glasenberg deu a estocada final: os problemas da África do Sul eram boas notícias para as empresas que laboravam nesses metais noutros locais, como a ENRC, cujas ações tinham acabado de duplicar o preço. O auditório explodiu à gargalhada e todos bateram com os punhos nas mesas.

Nessa noite, sentado na mesa principal, sob as imagens dos últimos reis-deuses, Sasha começava a entender o grau da transformação do dinheiro em poder. «É uma euforia sem limites», tinha dito a um colega empresário no Cazaquistão pouco depois da cotação da ENRC em Londres. «Não estás bem a ver quão provincianos somos por aqui. Estes são novos horizontes.»

O PREMIADO JORNALISTA DE INVESTIGAÇÃO TOM BURGIS EXPÕE UMA TERRÍVEL REDE GLOBAL DE CORRUPÇÃO FINANCEIRA

Cleptopia segue o dinheiro sujo que está a inundar a economia global, a encorajar ditadores e a envenenar as democracias. Do Kremlin a Pequim, do Médio Oriente à Casa Branca, Tom Burgis mostra como os corruptos se estão a unir — e o terrível custo que tem essa união.

Vislumbres desse mundo sombrio têm surgido nos últimos anos: um corpo é encontrado num *Audi* carbonizado; trabalhadores são crivados de balas no deserto do Cazaquistão; uma eleição fraudulenta tem lugar no Zimbábwe; um banqueiro britânico é silenciado e humilhado por tentar expor a verdade sobre a City de Londres — o cofre do mundo para o dinheiro sujo.

Neste thriller da vida real, repleto de revelações perturbadoras, entrelaçam-se várias histórias que revelam uma assustadora teia global de corrupção, proporcionando uma visão chocante de um mundo de evasão fiscal, espionagem e, acima de tudo, desejo de poder.

«Um relato magistral do dinheiro e da violência por trás das ditaduras mais poderosas do mundo.»

The Washington Post

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-564-562-6



9 789895 645626

Temas Atuais